

COMITÊ EDITORIAL DE LINGUAGEM

Anna Christina Bentes
Edwiges Maria Morato
Maria Cecília P. Souza e Silva
Sandoval Nonato Gomes-Santos
Sebastião Carlos Leite Gonçalves

CONSELHO EDITORIAL DE LINGUAGEM

Adair Bonini (UFSC)
Arnaldo Cortina (UNESP – Araraquara)
Heliana Ribeiro de Mello (UFMG)
Heronides Melo Moura (UFSC)
Ingedore Grunfeld Villaça Koch (UNICAMP)
Luiz Carlos Travaglia (UFU)
Maria da Conceição A. de Paiva (UFRJ)
Maria das Graças Soares Rodrigues (UFRN)
Maria Eduarda Giering (UNISINOS)
Maria Helena Moura Neves (UPM/UNESP)
Mariângela Rios de Oliveira (UFF)
Marli Quadros Leite (USP)
Mônica Magalhães Cavalcante (UFC)
Regina Célia Fernandes Cruz (UFPA)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tecnologias digitais da informação e comunicação e participação social : possibilidades e contradições / Denise Bértoli Braga, (org.).
— São Paulo : Cortez, 2015.

Vários autores.

ISBN 978-85-249-2422-4

1. Comunicação 2. Letramento 3. Mídia social 4. Redes sociais 5. Participação social 6. Tecnologia da informação 7. Tecnologias digitais
I. Braga, Denise Bértoli.

15-09961

CDD-302.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Tecnologia digital da informação e comunicação :
Participação social : Sociologia 302.4

Denise Bértoli Braga (Org.)

Alexandre Freire • Cláudia Hilsdorf Rocha

Claudia Lemos Vóvio • Glenn Auld

Ismael M. A. Ávila • Joel Windle

Lara Schibelsky Godoy Piccolo • Luiz Fernando Gomes

Marcelo El Khouri Buzato • Maria Helena Silveira Bonilla

Nelson Pretto • Paulo de Tarso Gomes

**TECNOLOGIAS DIGITAIS
DA INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO e
PARTICIPAÇÃO SOCIAL**
possibilidades e contradições

 **CORTEZ
EDITORA**

TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E PARTICIPAÇÃO SOCIAL:
possibilidades e contradições
Denise Bértoli Braga (Org.)

Capa: de Sign Arte Visual
Preparação de originais: Nair Hitomi Kayo
Revisão: Ana Paula Luccisano
Composição: Linea Editora Ltda.
Coordenação editorial: Danilo A. Q. Morales



Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa da organizadora e do editor.

© 2015 by Autores

CORTEZ EDITORA
Rua Monte Alegre, 1074 – Perdizes
05014-001 – São Paulo – SP – Brasil
Tels.: (55 11) 3864-0111 / 3611-9616
www.cortezeditora.com.br
e-mail: cortez@cortezeditora.com.br

Impresso no Brasil – novembro de 2015

Dedico este livro a Carlos Santos Silva, o TC da Casa de Cultura Tainã, que me ensinou o valor da resiliência nas lutas sociais, assim como a viabilidade de diálogos interculturais, e a Michel Morandi, cuja interlocução crítica e perspicaz muitas vezes me tirou dos meus lugares de conforto. Ambos contribuíram para solidificar minhas esperanças na possibilidade de uma academia preocupada com questões sociais e politicamente engajada.

Sumário

A comunicação em rede e os impactos nas possibilidades de participação social: reflexões introdutórias <i>Denise Bértoli Braga</i>	13
Seção 1. TDICs: ESPERANÇAS E PREOCUPAÇÕES EDUCACIONAIS E SOCIAIS	31
Uso de tecnologia e participação em letramentos digitais em contextos de desigualdade <i>Denise Bértoli Braga e Claudia Lemos Vóvio</i>	33
O carro na frente dos bois e o GPS na frente do carro: perspectivas da democracia em tempos de redes sociais <i>Paulo de Tarso Gomes</i>	68

Seção 2. PERCURSOS INDIVIDUAIS NO PROCESSO DE APROPRIAÇÕES DAS TDICs 87

Participação e apropriação de bens culturais: reflexões de uma liderança local

Denise Bértoli Braga 89

Internet e acesso social: um estudo de caso

Luiz Fernando Gomes 106

Novos letramentos e inclusão digital: em direção a um enfoque pós-social

Marcelo El Khouri Buzato 125

Seção 3. CONTRIBUIÇÕES DAS TDICs NOS PROCESSOS DE AÇÕES EDUCATIVAS..... 147

As tecnologias digitais: construindo uma escola ativista

Maria Helena Silveira Bonilla

Nelson de Luca Pretto 149

Novos letramentos no ensino plurilíngue de inglês na universidade: mediando possibilidades de práticas participatórias

Cláudia Hilsdorf Rocha 167

Seção 4. TDICs E BUSCAS DE DEMOCRATIZAÇÃO NO CONTEXTO DAS ESFERAS PÚBLICAS..... 193

Ampliando a participação social na escolha da escola de populações cultural e socialmente diversas: a experiência do *website* MySchool na Austrália

Joel Windle 195

Experiências de governo eletrônico inclusivo como motivador da inclusão digital

Alexandre Freire da Silva Osório

Ismael M. A. Ávila

Lara Schibelsky Godoy Piccolo 216

Seção 5. EXPLORAÇÃO DOS RECURSOS DAS TDICs NA BUSCA E CONSTRUÇÃO DE DIÁLOGOS INTERCULTURAIS..... 245

Redesenhando uma tese de doutorado para incluir a participação de leitores acadêmicos e participantes

Glenn Auld 247

SOBRE OS AUTORES 263

Redesenhando uma tese de doutorado para incluir a participação de leitores acadêmicos e participantes

Glenn Auld

Introdução

Este capítulo explora os processos que levaram a uma reestruturação da minha tese de doutorado para aprimorar a participação dos leitores: de acadêmicos para uma audiência mais ampla.

A tese aborda as práticas de letramento de um grupo de crianças australianas indígenas que vivem em Maningrida, uma comunidade remota no norte da Austrália. Usando os elementos de multimodalidade de Kress e Van Leeuwen (2001), foram construídos livros em áudio na primeira língua das crianças, o Ndjébbana. Os textos foram construídos de modo colaborativo em um acordo de parceria entre os membros da comunidade Kunibíjji e eu, como professor-pesquisador, em um procedimento análogo ao descrito por outros pesqui-

sadores como Laughren (2000) e Smith (1999). A motivação para a construção dos textos foi proporcionar às crianças Kunibídjí a opção de acessar recursos educacionais em sua primeira língua.

Embora os livros em áudio Ndjébbana resguardem os direitos humanos linguísticos das crianças (Skutnabb-Kangas, 2000), notei que a escrita da tese acadêmica em inglês acabava por excluir da leitura dos resultados da pesquisa as crianças participantes. Também percebi que minhas descrições não captavam adequadamente as interações significativas que ocorriam em torno dos computadores que apresentavam esses textos. O grupo de idosos e os demais membros da comunidade deram-me permissão para incluir na tese os livros em áudio Ndjébbana e os relatos de algumas interações sobre esses textos. A tese resultou, então, em três textos ligados a vinhetas comuns dos livros em áudios Ndjébbana ou dos vídeos das interações com o computador. Um texto é uma narrativa oral da pesquisa em Ndjébbana, acessível a todos os membros da comunidade Kunibídjí; o segundo apresenta a pesquisa em inglês simples, promovendo a participação de outros indígenas australianos de comunidades remotas que não entendiam Ndjébbana ou inglês acadêmico; o terceiro texto apresenta a pesquisa em inglês acadêmico.

Uma das contradições do estudo sobre línguas indígenas australianas é que os relatórios acadêmicos desse tipo de pesquisa são, muitas vezes, inacessíveis para os participantes do estudo. Isso ocorre pelo fato de os letramentos embutidos no texto acadêmico serem, em muitos casos, contrários às práticas sociais cotidianas de falantes de línguas indígenas australianas minoritárias que vivem em comunidades remotas. Leitores acadêmicos dos relatórios são limitados àquilo que o pesquisador pode representar, por escrito, sobre as práticas sociais complexas realizadas pelos participantes indígenas.

Este estudo relata a possibilidade de acesso igualitário dos participantes locais e do público acadêmico no processo de relato de pesquisa. Neste capítulo, discutem-se o contexto do estudo e os textos visuais desenvolvidos para a pesquisa. Em seguida, emergem questões acerca do respeito aos participantes no relato da experiência. Captu-

ras de tela a partir da tese são utilizadas para destacar algumas das vinhetas digitais que foram apresentadas na tese. A ideia central da ontologia visual é combinada com noções dos direitos humanos linguísticos, a fim de desenvolver o argumento dos direitos modais de participantes indígenas na pesquisa acadêmica. Esses direitos modais abrangem não apenas as representações linguísticas e visuais, mas também os muitos modos usados pelos povos indígenas para representar seu mundo e que, como tal, estão alinhados a epistemologias e ontologias indígenas.

1. O contexto do estudo

O estudo ocorreu em Maningrida, uma remota comunidade indígena no norte da Austrália. Os 200 membros da comunidade Kunibídjí são os donos tradicionais das terras e mares em torno de Maningrida e partilham sua comunidade com cerca de 2 mil outros indivíduos. De acordo com a Maningrida Arts and Culture (n.d.) Maningrida é, talvez, a comunidade mais multilíngue no mundo, e hospeda uma interseção de uma série de comunidades de fala. Ndjébbana, Kunwinjku oriental, Kune, Rembarrnga, Dangbon/Dalabon, Nakkara, Gurrngoni, Djinang, Wurlaki, Ganalbingu, Gupapuyngu, Kunbarlang, Gun-nartpa, Burarra e Inglês são todos falados em Maningrida. A maioria das pessoas tem o domínio de três, quatro ou mais dessas línguas.

Este estudo surgiu quando comecei a ensinar um grupo de crianças da comunidade Kunibídjí. O meio de instrução era principalmente o Ndjébbana, embora a língua inglesa tenha sido lentamente introduzida para as crianças. Quando os computadores começaram a aparecer na pré-escola, o foco era o fornecimento de acesso à internet. Esse foco na conectividade não corresponde ao desejo das crianças de aprender a ler e escrever em sua primeira língua, uma vez que não havia conteúdo algum em Ndjébbana na internet. Outro problema era a limitada exposição das crianças a tecnologias digitais em casa, já que os computadores ficavam na escola.

2. Perspectiva teórica

Kress (2003) sugere que as imagens vão desempenhar um papel central em textos no futuro, na medida em que os meios de representação serão expandidos. Há uma história de crianças indígenas interessadas em fotografias e práticas pedagógicas eficazes em torno da construção de textos a partir dessas fotografias (Baker, 1974). Uma compreensão importante trazida a este estudo foi a de que muitas crianças Kunibídjí estavam engajadas em discussões sobre as imagens em textos que descreviam suas práticas sociais cotidianas. As crianças estavam conectando as representações nos textos a seus modos de saber, e apegavam-se às imagens de texto como uma forma de entender o impresso. Desse modo, o letramento crítico que incluiu letramentos visuais foi um importante condutor teórico deste estudo.

Outra perspectiva teórica foi a dos direitos humanos linguísticos. Skutnabb-Kangas (2000) sugere que as crianças têm o direito à educação em sua língua preferida de comunicação como parte de seus direitos humanos. Maiorias linguísticas desconsideram esse direito adquirido, e que ele se estende aos participantes indígenas que são falantes de línguas minoritárias, embora raramente tal direito seja questionado por minorias linguísticas. Os participantes deste estudo, obviamente, têm o direito de acessar os textos em seu idioma preferido. Como mencionado anteriormente, quando os computadores foram introduzidos na escola com ênfase no acesso ao inglês em um lugar de aprendizagem global, os direitos humanos linguísticos das crianças foram ameaçados por essa prática.

Um terceiro ponto de vista teórico é o da etnografia crítica, uma metodologia de investigação crítica que não apenas descreve a pesquisa, mas dela se vale para redefinir a teoria social (Carspecken, 1996). Neste estudo, a metodologia da pesquisa crítica tentou explorar os limites modais de uma tese, incorporando recursos visuais e sons ao texto. Ao fazê-lo, minha intenção era a de posicionar os participantes indígenas nos relatórios da pesquisa realizada.

3. Os livros em áudio Ndjébbana

Para identificar o interesse das crianças na leitura de histórias Ndjébbana em casa, os livros Ndjébbana utilizados no programa de línguas da escola foram digitalizados em livros em áudio em Ndjébbana. Esses simples textos multimídia tinham em cada página a língua impressa, imagens e sons. As páginas eram lidas para as crianças pelo computador enquanto tocava um som. As palavras do texto eram destacadas conforme eram lidas para as crianças.

Noventa e seis livros em áudio Ndjébbana foram desenvolvidos por mim em colaboração com os membros da comunidade Kunibídjí. Alguns desses textos foram feitos a partir de imagens digitais de excursões, enquanto outros eram versões digitalizadas de textos Ndjébbana mais velhos, que usavam ilustrações extraídas de várias fontes. Os noventa e seis textos foram organizados em 16 páginas de seis botões. Quando o botão que representa o texto era pressionado, a primeira página do texto solicitado era lida para o participante.

Os livros em áudio Ndjébbana eram exibidos em um computador com tela sensível ao toque (*touch screen*). Os membros da comunidade Kunibídjí tiveram acesso ao computador fora de casa por diversas vezes, conforme negociado com as famílias participantes.

4. A coleta de dados

Para este estudo, foram coletados dados qualitativos e quantitativos. As interações em torno do computador foram registradas em vídeo digital. Esses vídeos capturam a interação dos participantes entre si e a interação deles com o computador. Depois de receber a aprovação dos membros da comunidade Kunibídjí para usar os vídeos na pesquisa, adicionei legendas como forma de análise dos dados. Os dados quantitativos também foram coletados por meio de traços: toda vez que os participantes tocavam a tela, a hora, o livro e

a página eram registrados pelo computador. Esses dados foram usados para explicar o envolvimento das crianças com os textos na ausência de qualquer pesquisador ou câmera de vídeo (Auld, 2002).

5. Relato dos resultados

Quando a fase de relatórios do projeto começou, fui desafiado pelo respeito aparentemente limitado dos participantes envolvidos pela prática de elaboração de relatórios. Smith (1999) sugere que toda prática de pesquisa participativa conscienciosa deve ser baseada em um sentimento de "respeito". Assim, depois de muitos anos de vida e de trabalho com os membros da comunidade Kunibídjí, eu estava bem ciente de que escrevia um texto para o público acadêmico, que seria ilegível para os participantes da pesquisa. Por outro lado, também estava preocupado com a forma como iria relatar aos membros da academia, não instruídos nas práticas sociais da cultura Kunibídjí, as complexas interações com o computador. Depois de muita discussão com os participantes e com seus acompanhantes, os membros da comunidade Kunibídjí permitiram-me incorporar as vinhetas digitais na tese final.

6. As vinhetas digitais

Como as vinhetas digitais fornecem aos leitores acadêmicos uma melhor representação das complexas interações em torno do computador em vez de narrativas impressas, elas poderiam ser a base de um relatório para os participantes. Essas vinhetas digitais, juntamente com os 96 livros em áudio Ndjébbana, foram dispostas em três textos, um acadêmico, um escrito em linguagem simples e um em forma de narrativa oral para os participantes. A primeira página da tese proporciona acesso a qualquer um desses três textos:

o texto acadêmico tem os capítulos esperados em uma tese; a descrição em linguagem simples destina-se a pessoas que queriam acessar uma versão em inglês do relatório em linguagem simples; o relatório para os participantes foi apresentado como uma narrativa oral em Ndjébbana, fornecendo *links* para os livros em áudio Ndjébbana digitais e para as vinhetas que ilustram os resultados. O relatório em Ndjébbana para os participantes não apresenta nenhuma legenda nas vinhetas digitais.

7. Discussão

Há muitas maneiras de ver a intertextualidade dessa tese. Ela pode ser vista semiótica, ideológica, ética ou pragmaticamente. Antes de examinar as motivações para o uso de multimodalidade, começo com uma discussão sobre esse uso na tese, seguido pela análise dos direitos modais dos participantes. A seção é concluída com uma discussão sobre a transparência em uma tese, possibilitada pelo uso de tecnologias digitais multimodais.

8. Multimodalidade em uma tese

Cazden et al. (1996) sugeriram que sistemas de construção de significado multimodal têm a capacidade de comunicar o significado através de modos espaciais, gestuais, visuais, auditivos e linguísticos. A maioria das teses privilegia o modo linguístico do significado através da construção dos textos como uma série de páginas impressas com um discurso acadêmico complexo incorporado ao texto. Delineando o papel central da impressão em uma tese acadêmica, minha tese também traz uma narrativa consistente baseada na escrita. O que é importante nessa tese é que os relatórios acadêmicos e os relatos dos participantes estão vinculados ao uso comum das vinhetas digi-

tais multimodais, que servem para ampliar os projetos de representação como uma forma de respeitar os diferentes públicos.

Os diferentes textos da tese tentaram usar diferentes modos para diferentes públicos. Os textos para os participantes tinham limitado material impresso em Ndjébbana, enquanto o texto para o público acadêmico incorpora as vinhetas em um argumento acadêmico, usando a escrita como modalidade dominante. Uma característica importante da tese foi a interligação dentro de e entre os textos. Zammit e Downes (2002) sugerem que uma característica de textos multimodais é a interligação com a forma, o conteúdo e as possibilidades de aprendizagem. Nesse sentido, os livros em áudio Ndjébbana conectam o Ndjébbana impresso (modalidade linguística), as imagens (modo visual) e o som (modo auditivo). As vinhetas digitais conectam o vídeo à imagem variada que as crianças visualizavam na tela e conectam as legendas ao que é falado em Ndjébbana no vídeo e, assim, os textos multimodais auxiliam acadêmicos a lerem e aprenderem sobre a prática social dos Kunibídjí. A mesma forma de textos forneceu aos participantes e a suas famílias acesso à narrativa, realizando seu desejo de ler os livros em áudio Ndjébbana em casa, e ao mesmo tempo ofereceu aos membros da comunidade a oportunidade de analisar criticamente as evidências e articulações descritas na tese. Por fim, eu estava expondo os participantes à metodologia do estudo e à ética embutidas na representação de suas práticas de letramento, para um público externo.

9. Motivações para a incorporação de multimodalidade

A capacidade de fornecer vários textos multimodais intertextuais em uma tese permite “situar o discurso acadêmico ocidental e suas convenções como apenas uma entre numerosas tradições epistemológicas” (May e Aikman, 2003). Apresentar múltiplos textos em uma tese proporciona uma oportunidade não apenas de atingir públicos distintos, mas também de explorar diferentes tradições epistemoló-

gicas. Como pesquisador não indígena, seria inadequado para mim reivindicar qualquer sucesso em expandir as tradições epistemológicas indígenas. Tentei explorar as possíveis transformações do discurso acadêmico ocidental e, ao fazer isso, desafiar as práticas vigentes, apoiadas no gênero formal *tese*, que marginaliza os participantes que convivem com outras práticas. A representação visual e auditiva pôde desempenhar um papel fundamental nessa transformação.

Essencial ao estudo publicado na tese foi o tempo que passei com os participantes antes do início do estudo. Foram anos de vivência e trabalho na comunidade com os participantes antes de o estudo ser concebido. Enquanto estava tentando entender as formas como as crianças eram instruídas de acordo com as formas de conhecimento da comunidade Kunibídjí, os membros da comunidade estavam julgando meus relacionamentos com as crianças. A concepção deste estudo e o desenvolvimento de uma tese intertextual era apenas uma pequena parte da parceria colaborativa respeitosa entre o pesquisador e os participantes.

Street (2001) sugeriu que, no que diz respeito a programas de letramento, devemos começar por “compreender as práticas de letramento com as quais os grupos e as comunidades-alvo em questão estão envolvidas” (p. 1) e aprender a criar programas culturalmente mais sensíveis e não programas que se baseiam no que as pessoas supostamente “precisam” (p. 15). A multimodalidade embutida na tese foi minha tentativa de compreender e respeitar as sensibilidades culturais dos participantes na fase da pesquisa voltada à elaboração dos relatos. Embora tivesse passado muitos anos aprendendo sobre as necessidades dos participantes em suas práticas cotidianas de letramento, não tinha passado tanto tempo pensando em suas necessidades no processo de difusão de um projeto de pesquisa do qual eles eram os participantes. A tese multimodal foi resultado da incorporação das práticas de comunicação culturalmente sensíveis em um texto acadêmico. Eu estava assumindo em meu ensino e pesquisa que os direitos modais das crianças devem ser acolhidos nos textos que elas leem, sejam estes textos construídos como resultados de estudos ou pesquisas.

As práticas sociais em torno do desenvolvimento dos livros em áudio Ndjébbana exemplificam minha tentativa de pesquisar com os participantes, em vez de pesquisar sobre os participantes. Cameron et al. (1992) sugerem que aproximar a pesquisa dos participantes, em vez de sobre os participantes, é a prática de pesquisa prudente e saudável. Dessa forma, o desejo de construir uma tese acessível aos participantes resultou em minha tentativa de escrever um relato para os participantes em vez de apenas escrever sobre eles. Os vários relatórios utilizando as vinhetas digitais foram uma tentativa de relatar “para” em vez de “sobre” os participantes. Subjacente a essa diferença está o respeito ao acesso dos participantes aos textos que representam suas práticas sociais cotidianas para estrangeiros.

10. Os direitos modais dos participantes

Kellner (2002) observou que estamos vivendo um “momento de desafio e um momento para experimentar” em relação às novas tecnologias e à cultura da mídia. Tomei o desafio de Kellner para experimentar as representações multimodais dos participantes em uma tese. Conduzir essa experiência não se deve às possibilidades da tecnologia, mas aos direitos dos participantes. Essa é uma compreensão importante que incide sobre a prática de pesquisa e não sobre a tecnologia da atualidade. Embora os direitos humanos linguísticos dos participantes tenham sido um motor teórico no estudo, esses direitos foram combinados com outros sistemas semióticos, tais como projetos de áudio e vídeo utilizados pelos participantes em sua prática cotidiana. A centralidade da imagem na transmissão de significado, como observado por Anstey e Bull (2000) e Kress (2003), foi avaliada pelos participantes como uma forma válida de encontrar o significado nos livros em áudio Ndjébbana. Portanto, a prática de usar a tecnologia para atingir um bem social para os participantes foi incorporada nessa pesquisa.

Enquanto os direitos humanos linguísticos dizem respeito à educação das pessoas em seu idioma preferido de comunicação, os direitos modais, promovidos na tese, estão preocupados com os direitos de acesso ao conhecimento na modalidade ou nos modos de comunicação preferidos pelas pessoas. Os direitos modais de indivíduos não estão fora dos direitos linguísticos, mas estão posicionados de forma que esses direitos modais dissipem os direitos linguísticos. Os direitos modais dos participantes foram sustentados enquanto os dados estavam sendo coletados e relatados a eles. As imagens e sons recolhidos por membros da comunidade participante, a fim de construir os livros em áudio Ndjébbana, respeitaram os modos de significação valorizados na comunicação diária. Esses modos foram combinados com a escrita Ndjébbana para fornecer uma mensagem integrada aos participantes. A multimodalidade do relatório manteve os direitos dos participantes de acessarem os resultados do estudo usando seus letramentos cotidianos. Ao defender os direitos modais dos participantes na concepção dos livros em áudio Ndjébbana e do relatório na tese, a convenção dos direitos da criança tornou-se um condutor da ética na pesquisa. O artigo 13 da Parte 1 da Convenção dos Direitos da Criança (Assembleia Geral da ONU, 1989) afirma:

A criança terá direito à liberdade de expressão. Esse direito incluirá a liberdade de procurar, receber e divulgar informações e ideias de todo tipo, independentemente de fronteiras, de forma oral, escrita ou impressa, por meio das artes ou de qualquer outro meio escolhido pela criança.

As crianças procuraram, receberam e divulgaram o conhecimento sobre os livros em áudio Ndjébbana neste estudo. Acreditei ser natural que os direitos modais dos participantes fossem acolhidos, proporcionando-lhes o acesso ao relatório final. Respeitar os direitos modais dos participantes pode significar mudar as fronteiras dos textos que eles escolhem acessar. Os direitos modais de crianças participantes fornecem um quadro ético útil através do qual abordar as mudanças das fronteiras de uma tese.

11. Transparência usando multimodalidade

Semali e Kincheloe (1999, p. 20) sugerem que os pesquisadores não indígenas podem falhar em contextos indígenas de duas maneiras: "Não apenas eles devem evitar o essencialismo e sua romantização do indígena, como devem contornar as armadilhas que transformam sua tentativa de facilitação em maior marginalização". A inclusão de representações multimodais dos participantes no relatório final comporta a capacidade dos leitores de fazerem julgamentos sobre minhas interpretações na pesquisa e julgarem se eu romantizei ou marginalizei a voz dos participantes do estudo. Fornecer os dados brutos multimodais na apresentação final ampara esses leitores nos julgamentos sobre minhas reivindicações e sobre as representações implícitas dos participantes.

A inclusão das representações multimodais dos participantes na tese tentou capturar a complexidade das interações com os computadores que exibiam os livros em áudio Ndjébbana. Nos locais em que o computador era popular entre os participantes, as múltiplas leituras dos textos foram mais validamente representadas no vídeo do que em uma vinheta escrita (impressa). Com a permissão dos participantes e seus cuidadores, fui capaz de incorporar ao relatório final representações multimodais dessas interações complexas. Kellner e Share (2006, p. 373) sugerem que há "diferentes leituras, interpretações e percepções das imagens complexas, cenas, narrativas, significados e mensagens da cultura da mídia".

Um relatório digital auxilia leitores na compreensão dos múltiplos significados das vinhetas digitais e das realidades complexas representadas por essas vinhetas. A digitalização de uma tese com vinhetas multimodais teve a capacidade de incorporar um "conjunto complexo" (Kress, 2000) de projetos de significado para representar os participantes. No atual contexto, os investigadores devem ser incentivados a explorar a melhoria da validade dos relatórios de pesquisa utilizando as tecnologias multimodais. Durante a redação

do relatório multimodal, percebi que as interações complexas poderiam ser mais bem representadas pelas telas de vídeo e de computador que por tentativas de descrição dessas interações em um texto impresso.

Fornecer aos leitores acadêmicos e participantes da tese o acesso aos textos na primeira página da tese foi outra transparência nela incorporada. A disposição da página do menu da tese sugere ao leitor que os textos têm um valor semelhante, já que exibem o mesmo tamanho de botões e os mesmos gráficos. Transparente na tese foi o valor idêntico que coloquei nas leituras dos participantes e do público acadêmico do texto.

A abordagem das novas tecnologias de Eisenlohr (2004, p. 38) destaca que sempre haverá um fundamento ideológico em qualquer tentativa de transformação de uma tese.

Abordo novas tecnologias como práticas que permitem a mediação eletrônica, que tanto intervêm em, quanto se tornam parte de construções ideológicas criando ligações entre a prática linguística, as identidades sociais e as valorizações socioculturais.

A consequência imediata da introdução de transparência na tese é permitir o acesso a um conjunto compartilhado de dados por meio do desafio das práticas tecnológicas tidas como certas e raramente descompactadas em uma tese acadêmica. Há também possibilidades de longo prazo para a defesa dos direitos modais dos participantes.

Com o acesso aos dados brutos na apresentação final, os pesquisadores indígenas recebem a garantia de que no futuro terão acesso aos dados e à minha análise dos dados a partir de um olhar externo. Essa transparência da tese que permite a acadêmicos indígenas criticarem meu trabalho proporciona uma forte validação da inclusão dessas vinhetas multimodais na apresentação final. Espero, assim, ter fornecido às crianças participantes desse estudo clareza

suficiente para que elas possam criticar os resultados de minha pesquisa futuramente.

12. Conclusões

Este capítulo descreveu as possibilidades de publicação de uma tese digital relatando a pesquisa realizada em um contexto indígena australiano de língua minoritária. A complexidade de incorporar representações multimodais em uma tese e de desenvolver os textos dos participantes como parte do processo de comunicação sugere que, neste estudo, apenas arranhamos a superfície das possibilidades sociais e tecnológicas.

Meu objetivo era o de construir uma tese que desafiasse as práticas ideológicas de um relatório redigido em inglês acadêmico sobre questões de uma língua indígena minoritária. As práticas linguísticas, as identidades sociais e as consequências da exclusão da multimodalidade na tese foram examinadas na construção desta outra tese. Espero ter mostrado as práticas de letramento dos participantes de uma forma que eles consideram válida, e que, com o tempo, estejam mais bem posicionados para criticar as limitações de meu estudo por meio da participação e leitura da tese. Como mencionado anteriormente, é o respeito pelos participantes, mais que a capacidade da tecnologia, que motiva a experiência de transparência de uma tese.

Ao fim, entendo que incluí as vozes dos participantes na construção de um "texto acadêmico confuso", incorporando estrategicamente representações indígenas discursivas multimodais ao longo da tese. Como consequência, creio ter demonstrado que a academia pode lidar com a rejeição de um discurso acadêmico monolíngue em uma tese. Esperemos que a transformação da tese acadêmica seja uma nova oportunidade para a transformação da academia (Morson, 2004), que irá melhorar o diálogo entre pesquisadores e participantes ao longo de todo o processo de construção de uma tese.

Agradecimentos

Agradeço o apoio dos membros da comunidade Kunibídj na condução deste estudo. Lena Djabbiba foi fundamental no apoio à construção dos livros em áudio Ndjébbana, e Monica Wilton auxiliou na tradução do discurso das crianças em volta do computador.

Referências

- ANSTEY, M.; BULL, G. *Reading the visual: written and illustrated children's literature*. Sydney: Harcourt Australia, 2000.
- AULD, G. What can we say about 112,000 taps on a touch screen computer? *Australian Journal of Indigenous Education*, v. 30, n. 1, p. 1-7, 2002.
- BAKER, F. H. Black and white photography in a black and white school. *The Aboriginal Child at School*, v. 2, n. 3, p. 22-24, 1974.
- CAMERON, D. et al. Introduction. In: _____ (Eds.). *Researching language: issues of power and method*. London/New York: Routledge, 1992. p. 1-28.
- CARSPECKEN, P. F. *Critical ethnography in educational research: a theoretical and practical guide*. New York: Routledge, 1996.
- CAZDEN, C. et al. A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. *Harvard Educational Review*, v. 66, n. 1, p. 60-92, 1996.
- EISENLOHR, P. Language revitalization and new technologies: cultures of electronic mediation and the refiguring of communities. *Annual Review of Anthropology*, v. 33, n. 1, p. 21-45, 2004.
- KELLNER, D. Technological revolution, multiple literacies, and the restructuring of education. In: SNYDER, I. (Ed.). *Silicon literacies: communication, innovation and education in the electronic age*. London: Routledge, 2002. p. 154-169.
- KELLNER, D.; SHARE, J. Toward critical media literacy: core concepts, debates, organizations, and policy. *Discourse Studies in the Cultural Politics of Education*, v. 26, n. 3, p. 369-386, 2006.

KRESS, G. R. Design and transformation. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. (Eds.). *Multiliteracies: literacy learning and designs of social futures*. London: Routledge, 2000. p. 153-161.

_____. *Literacy in the new media age*. London: Routledge, 2003.

_____; VAN LEEUWEN, T. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnold, 2001.

LAUGHREN, M. Australian aboriginal languages: their contemporary status and functions. In: DIXON, R. M. W.; BLAKE, B. J. (Eds.). *The handbook of Australian languages*. South Melbourne (Australia): Oxford University Press, 2000. v. 5, p. 1-32

MAY, S.; AIKMAN, S. Indigenous education: addressing current issues and developments. *Comparative Education*, v. 39, n. 2, p. 139-145, 2003.

MORSON, G. S. The process of ideological becoming. In: FREEDMAN, S. W.; BALL, A. F. (Eds.). *Bakhtinian perspectives on language, literacy, and learning*. New York: Cambridge University Press, 2004. p. 317-331.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Convention on the Rights of the Child, n. 44/25, CFR, 1989

SEMALI, L. M.; KINCHELOE, J. L. Introduction: what is indigenous knowledge and why should we study it? In: _____ (Ed.). *What is indigenous knowledge? Voices from the academy*. New York: Falmer, 1999. p. 1-57.

SKUTNABB-KANGAS, T. *Linguistic genocide in education, or worldwide diversity and human rights?* Mahwah, NJ: L. Erlbaum Associates, 2000.

SMITH, L. T. *Decolonizing methodology: research and indigenous peoples*. London: Zed Books, 1999.

STREET, B. Introduction. In: _____ (Ed.). *Literacy and development: ethnographic perspectives*. London/New York: Routledge, 2001. p. 1-17.

ZAMMIT, K.; DOWNES, T. New learning environments and the multiliterate individual: a framework for educators. *Australian Journal of Language and Literacy*, v. 25, n. 2, p. 24-36, 2002.

Sobre os Autores

Alexandre Freire da Silva Osório possui graduação (1994) e mestrado (1998) em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Tem atuado como pesquisador em empresas brasileiras, nos temas Inclusão Digital, Telecomunicações e Redes Inteligentes de Energia Elétrica. Quando na Fundação CPqD, dentro das atividades do projeto Soluções de Telecomunicações para Inclusão Digital, financiado pelo Ministério das Comunicações, pesquisou novas formas de interação humano-computador, que pudessem promover a inteligibilidade de sítios de governo eletrônico para usuários de baixo letramento.

Cláudia Hilsdorf Rocha possui graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) (1987), mestrado (2006) e doutorado (2010) em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Fez estudos pós-doutorais pelo Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo (USP), com estágio como professora visitante no Centro de Globalização e Estudos Culturais da Universidade de Manitoba (Canadá). Atualmente, é professora e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. Tem experiência docente no ensino fundamental, médio e superior. Atuou como professora de Língua Inglesa no curso de Letras